NA MONTANHA, *Poema em versos soltos* (1904) Experiência poética inédita entre marido e mulher

Cristina Nobre*

Em 20 de abril de 1902, Afonso Lopes Vieira casa com D. Helena de Aboim[1]. Os pais dele presenteiam os noivos com a casa de S. Pedro de Moel, onde hão de passar a lua-de-mel. A casa de S. Pedro, repleta das memórias de infância do menino Afonso, começa, consistentemente, a encher-se com as memórias de adulto.

É precisamente nesta nova fase da vida que se estreia na prosa, publicando o seu 1.º livro em 1903, *Marques (História d'um Perseguido)* [M(HP)], ao mesmo tempo que o *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro* para o ano de 1904 dava à estampa um pequeno conto, escrito em 1900, onde se relatava a morte de uma jovem tricana de Coimbra, de nome "Assumpção"[2].

Mas a reação da crítica e dos amigos não vai ser esfuziante. É interessante, a este respeito, uma carta de Carlos de Mesquita, não datada, endereçada de Viseu, onde se lê:

> Há muito que lhe devia ter escrito a agradecer o seu *Marques* […]. § Acho q. V. teve a intuição do typo, quero dizer, viu-o em relampagos; mas n. me parece q. fosse sempre feliz nos episodios de q. se serviu para o revelar. Pequenas notas como a de n. poder impedir q. lhe caisse caspa no casaco seriam muito + eloquentes e mesmo mt.º + serias do q. a perda do caixão da

* Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPLeiria.

[1] Leia-se o importante ensaio de Ricardo Charters d'Azevedo (2016: 11-35) sobre "As ligações familiares de Afonso Lopes Vieira", onde se encontram informações rigorosas sobre a árvore genealógica de Maria Helena da Veiga Manuel de Aboim.

[2] "Assumpção" in *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro. Para o anno de 1904*, 54.º anno da collecção, Lx., Parc.ª Ant. M.ª Pereira, 1903, pp. 92-95.

> filha e o nascimento em dia de entrudo c/ o porteiro vestido de palhaço. Traços destes, será do meu feitio, teem sempre para mim o ar facil/ engenhoso das *Morts bisarres* do detestavel Richelieu. § Mas repito, V. teve relampagos de visão desse caracter. A cobardia invencível, q. o levava a fingir q. não ouvia os insultos é um traço excelente. Parece-me que a novella feita em poema, em poema autobiographico, como o *Episcopo* de d'Annunzio, seria + intensa. A caspa junta c/ certas pregas q. as calças inevitavel/ fizessem apenas vestidas; a impossibilidade de conseguir q. os casacos caissem como os da outra gente, etc., faria um tecido cerrado de pequenas torturas q. tornariam o personagem interessante e verdadeiro. E para drama não era difficil inventar qualquer historia em q. a inadaptação do *perseguido* à vida brilhasse tragica/. Desculpe V. a minha franqueza, mas só a um idiota eu diria amabilidades varias. […] § Mesmo a sua prosa em acabando de eliminar certas *toadas* que ficam no ouvido de leituras do Eça e principal/ do Fialho, será excelente. O seu Marques não deixa de ter algum parentesco, embora remotissimo, c/ o protagonista do meu romance incompleto e q. n. sei se completarei algum dia. […] (BML, *Cartas […]*, vol. I)

Talvez por isso, Lopes Vieira planeia escrever um novo ensaio sobre *Marques*, e mesmo um novo livro de prosa, *Humilhados*, como se pode ler na contracapa do livro de antologia, *Poesias Escolhidas (1898-1902)* [PE], publicado em 1904. Na verdade, nada disto acontece e a "Carta Autobiográfica" nem sequer faz uma referência a esta experiência, ou à tradução de Pedro Kropotkine — *Á Gente Nova* [GN] — publicada também em 1904.

O escritor compreende, provavelmente, que os dotes revelados para a prosa nunca seriam bem recebidos pela crítica coetânea e volta-se definitivamente para a poesia, com uma antologia que lhe dá o gosto de se saber autor de um livro de versos, consagrados no seu tempo. Em carta não datada, dirigida a João de Barros, referindo-se a *Poesias Escolhidas*, Lopes Vieira diz:

> Caro amigo § Escrevi-lhe da Suissa um bilhete postal onde sumariamente lhe agradecia o seu artigo na *Resistencia* — já recebido — sobre as minhas *Poesias*. § Ora, dada a contingencia d'essa forma de correspondencia, quero dizer-lhe, agora, q. estimei muitissimo o seu artigo, pela sinceridade e pela inteligencia com q. V. quiz ser bom para mim. Mas V. faz-me a justiça de acreditar q. foi o natural desejo de ter *um livro* de versos, tendo no entanto alguns publicados, o unico motivo do volume. § Abraço-o com bôa amizade e com simpatica admiração § Affonso LV. (BNP, esp. N11 / 3034)

Porém, no ano de 1904, viaja, com a mulher, pela Suíça e dessa viagem resulta um livro de versos inédito — *Na Montanha. Poema em versos soltos*,

«Vista geral de S. Pedro de Muel", com uma data manuscrita de «9/10/922»

edição dactilografada de três exemplares, composto e impresso por Helena [NM][3] — onde se coloca uma interrogação sobre os rápidos meios de comunicação da época (como o Expresso), sobre a persistência da Dor, e onde se estabelece uma comparação entre os "Pastores do Rigi" e os "pastores da Serra", os suíços e os portugueses. Trata-se de um curioso exemplo de cruzamento da vida e da literatura, em que Lopes Vieira ficionaliza a sua própria situação de homem casado — "Hermann de olhos azues, ha um mez casado / C' uma rosa dos Alpes Luisinha" —, e em que há uma estreita colaboração entre ele e a mulher, sendo o volume dedicado "ás nossas MÃES § ao nosso PAE", pela "tipografa & o autor". Leia-se a transcrição:

[3] Trata-se de uma edição dactilografada de 3 exemplares, acabada de imprimir a 25 de junho de 1904, encadernada, composta por seis pequenas composições numeradas, pertença do espólio da BML [BML, R82-1VIE], tendo sido oferecida pela sobrinha de Afonso Lopes Vieira, D. Maria da Luz A. Wasa de Andrade, que se reproduz no II vol. da tese de doutoramento de Cristina Nobre (Nobre, 2001: II, pp. 41-3).

Vejam-se os dados compilados sobre o "Espólio literário de Afonso Lopes Vieira guardado na BML" (Nobre, 2016: 37-67).

NA MONTANHA, Poema em versos soltos

1

Là baixo, na planicie dolorosa
Dos Paizes convulsos, vão correndo
Estridentes Expressos de olhos doidos!
São a Pressa que passa conduzindo
O bocêjo sem fim dos que demandam,
Em vão, em vão! uma paisagem Nova;
Transportando a agonia, complicada

Quanta Dor,
Ah! quanta Dor nessa velocidade!…

2

Ah, a cidade ideal, onde està ella?
Uma Cidade-Aldeia, silenciosa,
Onde o Museu não deite p' ra Sarjêta,
Onde a Luz ilumine imaculada?

Montanhas, praias d' este ceu — oceano,
Seios da Naturesa, acalentae-me…

3

Chove paz e silencio na Montanha…

4

Minha sede matei desde que bêbo
Nesta fonte do valle enamorada,
Que tem escrito: Amai-vos uns aos outros.

5

Pastores do Rigi, caros amigos,
Bons cidadãos da afortunada Helvetia!
Hermann de olhos azues, ha um mez casado

C' uma rosa dos Alpes Luisinha;
Walter, meu mestre d' allemão, que ensinas
Os nomes frescos, barbaros das vacas;
Sabei vós todos que là longe existem
Uns pastores de Serra, religiosos,
Calmos e simples como grandes arvores;

Pois bem: eu lhes darei recados vossos.

6

Adeus, Rigi… Là baixo tumultua
A Dor do mundo, a revoltada Vida!
Deixe os teus prados mais o leite forte
Das tuas vacas loiras e macias,
Quem escuta da Vida a voz distante
A chamar para a luta e para o sonho.

É uma composição inaugural num género de poema mais longo que, no futuro, o poeta, individualmente, irá desenvolver. Na sexta e última composição de NM, pode encontrar-se o gérmen de uma veia anarquizante que começa a crescer na poética de Lopes Vieira e que entrará numa fase de confronto social direto com as injustiças e a dor humanas, de que estes versos inéditos[4] são um bom prenúncio.

Efetivamente, a obra de Afonso Lopes Vieira entra numa fase combativa, que não fecha os olhos à Vida — luta e sonho — e que transfere esse desejo de atuação para a poesia de intervenção: o poema *Conto de Natal* [CN], de 1905; *O Encoberto* [OE], do mesmo ano; *Ar Livre* [AL], de 1906 e *O Pão e as Rosas* [PR], de 1908. Curioso é perceber como a sua mulher, D. Helena de Aboim, terá estado na génese desse percurso, fazendo deste casal um modelo notável para a época.

[4] Aníbal Pinto de Castro transcreve um soneto intitulado "Aos Pastores do Righí (Suissa)" (Castro, 1979: 25), que divulga como sendo um inédito de Afonso Lopes Vieira, e que por este teria sido enviado como forma de participação, em 1906, no projeto do 4.º ano médico de criar em Coimbra um instituto de assistência e proteção às mães. As semelhanças desse soneto com a composição 5 de NM fazem-me admitir a hipótese de que o citado soneto seja uma versão posterior deste texto de NM, tanto mais que o soneto aparece datado de 1904, a mesma data de NM.

Referências Bibliográficas:

– Azevedo, Ricardo Charters (2016). "As ligações familiares de Afonso Lopes Vieira" in *Cadernos de Estudos Leirienses, 7* – Edição dedicada ao estudo da vida e da obra de Afonso Lopes Vieira no âmbito da comemoração do 60.º Aniversário da Biblioteca Municipal de Leiria. Integra as comunicações apresentadas no Colóquio ali realizado no dia 26 de Janeiro de 2016. Leiria. Textiverso. Pp. 11-35.

– Castro, Aníbal Pinto de (1979). *Coimbra no pensamento e na obra de Afonso Lopes Vieira*, Separata do *Arquivo Coimbrão*, vol. XXVII-XXVIII.

– Espólio da BNP [esp. N11 / 3034].

– Espólio da BML. Cartas e Outros Escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira [Cartas […]]. Volume 1.

– Nobre, Cristina (2001). *Afonso Lopes Vieira. A reescrita de Portugal. Volumes I e II – Inéditos*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

—— (2016). "O espólio literário de Afonso Lopes Vieira na Biblioteca Municipal de Leiria [BML]" in *Cadernos de Estudos Leirienses, 7* – Edição dedicada ao estudo da vida e da obra de Afonso Lopes Vieira no âmbito da comemoração do 60.º Aniversário da Biblioteca Municipal de Leiria. Integra as comunicações apresentadas no Colóquio ali realizado no dia 26 de Janeiro de 2016. Leiria. Textiverso. Pp. 37-67.

– Vieira, Afonso Lopes Vieira (1900). "Assumpção" in *Jornal de Coimbra*. folha bi-semanal. n.º 7. I anno. rubrica "Vitraes". 4 de novembro, p. 2; (1904). [**A**] *"ASSUMPÇÃO"* in *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1904*. dir. A. X. Cordeiro. 54.º anno da col., Parc.ª A. M. Pereira.

—— (1903). [**M(HP)**] *MARQUES (Historia d'um perseguido)*. Lisboa. ed. Tav. Card. & Irmão (**1.ª ed.**); (2016). *'Marques' (História dum perseguido)* de Afonso Lopes Vieira. Lisboa. Ed. IN-CM. ISBN: 978-972-27-2446-3 (**2.ª ed.**).

—— (1904). [**PE**] *POESIAS ESCOLHIDAS — 1898-1902*. Lisboa. ed. Viúva Tavares Cardoso.

—— (1904). [**GN**] versão de *Á GENTE NOVA de P. Kropotkine*. Lisboa. ed. Viúva Tavares Cardoso. (**1.ª ed.**); (1922) *À Mocidade*. versão de Afonso Lopes Vieira. Porto. ed. da Bib. de 'A Comuna' (**2.ª ed.**).

—— (1904). [**NM**] *NA MONTANHA. Poema em versos soltos*. ed. dact. de 3 exemplares. composto e impresso por Helena Lopes Vieira. Rigi. ed. "Seebodenalp". 25 de junho de 1904.

—— (1905). [**CN**] *Conto do Natal*, Lisboa. ed. Viúva Tavares Cardoso.

—— (1905). [**OE**] *O ENCOBERTO*, Lisboa. ed. Viúva Tavares Cardoso.

—— (1906). [**AL**] *AR LIVRE*, Lisboa. ed. Viúva Tavares Cardoso.

—— (1908). [**PR**] *O Pão e as Rosas*. Lisboa. ed. Liv. Ferreira.

—— (1925). "Carta autobiográfica" in Campos, Agostinho de (org. e pref.). *Afonso Lopes Vieira (Verso e Prosa)*. "Antologia Portuguesa". Lisboa. Livraria Aillaud & Bertrand.